

Educação, periferia e transformação... O Educador Musical e alguns prismas emergentes.

Anderson Fabrício Andrade Brasil
Universidade Federal da Bahia
sonsbrasil@gmail.com

Leila Dias
Universidade Federal da Bahia
leidias12@hotmail.com

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir o papel do Educador Musical nos projetos sociais, bem como dialogar com alguns teóricos contemporâneos sobre o perfil desse professor em prismas hodiernos como a educação, as periferias e a sociedade contemporânea. Ele é um recorte de uma dissertação de mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia. Com ele tento discorrer alguns fatores históricos e atuais, contextos sociais e culturais que abarcam a formação humana e a produção de conhecimento em alguns desses projetos. Para este trabalho trago os pressupostos teóricos que iluminaram a referida dissertação, tecendo alguns questionamentos e alavancando a fala de alguns educadores musicais que em suas pesquisas buscaram retratar as periferias urbanas e o papel da Educação Musical diante desses aspectos que emergem da sociedade atual.

Palavras-chave: Projetos Sociais, Periferia como comunidade, Educação e a transformação.

Introdução

A motivação desse texto nasce da minha vivência como aluno e educador, de indagações pessoais, também pelos relatos de colegas educadores que ministram aulas em escolas especializadas e regulares localizadas em comunidades abalizadas pelo estado permanente de carência. Marcaram-me profundamente as aulas ministradas por mim ao longo dos anos em projetos sociais, sempre de forma filantrópica, movido pela oportunidade que tive para estudar música, tendo sido estimulado por pessoas que assim como eu acreditavam em uma educação transformadora, e que, por sua vez, também doaram aquilo que receberam de forma gratuita. Assim como eles preciso voltar e retribuir ensinando a música para comunidades menos favorecidas como instrumento de transformação.

De posse de diversos relatos informais de amigos e colegas que trabalham em contextos de escola especializada e também nos projetos sociais surgiu-me a impressão que algumas pessoas em situação de risco e que vivem de forma extremamente necessitada,

parecem desfrutar de uma sensibilização diferenciada pela música. Como compreender essas questões para que outros educadores possam utilizar mais tarde tais informações?

Periferia como comunidade

Entender os aspectos da Educação Musical no contexto das periferias urbanas nos remete inicialmente à necessidade de compreender um pouco sobre a complexa e específica problemática desse contexto. Talvez, a visão inicial proposta pelos noticiários produza em nós uma visão de que a periferia é formada pelos bairros mais distantes, mais pobres, com serviço de transportes ruins e serviços públicos quase que ausentes, mas os problemas existentes ali perpassam em muito esse estado de carência generalizado.

As submissões a um transporte público precário e a ausência de serviços básicos demonstram um quadro da violência rotineira. Porém, a primeira violência a qual os jovens que habitam nessas áreas são expostos, é o local em que eles vivem, não pela falta de segurança ou de recursos mínimos, mas por viverem em um lugar onde nem mesmo veículos automóveis podem transitar, onde ambulâncias não podem entrar porque o estreitamento de suas ruas muitas vezes não permite.

Diversas nomenclaturas são encontradas para definir “Periferia”. São comumente empregadas para esse mesmo termo, definições como bairro popular, favela, comunidade, comunidade menos favorecida, comunidade carente, subúrbio, entres outros. Torna-se difícil encontrar uma nomenclatura capaz de abarcar essa realidade específica já que as nossas cidades estão em constante crescimento social. Diante disso, seria insensato tentar fechar apenas uma nomenclatura absoluta algo que está em processo de mutabilidade constante.

Uso o termo “periferia” para designar áreas da periferia geográfica da cidade, mas também aquelas áreas que, em função da geografia da cidade, e das formas de ocupação do espaço, poderiam ser denominadas de “periferia social”, com referência às populações pobres que habitam favelas construídas em morros encravados em bairros centrais. (GUIMARÃES, 1995, p. 19).

Neste trabalho, opto pelo termo periferia, embora, esse seja um tema amplo e que demanda estudos específicos, o que não cabe no âmbito deste artigo, prefiro aceitar a denominação encontrada em trabalhos consagrados como o de Davis (2006), tratando a favela

e as periferias em aspectos sobremodo contemporâneos, junto a ele temos a fala de Cotelos e Rodrigues dizendo:

No Brasil o termo periferia carrega um significado pejorativo, uma vez que representa um território de pobreza. Ao contrário dos Estados Unidos, as áreas periféricas das cidades não são habitadas pela classe média afluenta, mas predominantemente por pessoas pobres, uma vez que o padrão de distribuição espacial da população de diferentes grupos de renda no Brasil e na América Latina é invertido, com os grupos mais ricos ocupando o núcleo (COTELO E RODRIGUES, 2011. p.2).

Ao falarmos sobre a educação no contexto acima citado somos levados quase que automaticamente a pensar sobre exclusão e construção de cidadania. Os temas exclusão e cidadania tomaram protagonismo e assumiram um papel importante nas discussões da sociedade, exigindo também uma atenção diferenciada por parte das pesquisas acadêmicas (GOHN, 2011).

A visão breve desses aspectos descritos aqui busca tonificar a necessidade de estudos mais abrangentes sobre esse contexto bem como suas singularidades, mas remonta uma questão ainda maior: o crescimento inegável desses bairros periféricos que é a demonstração clara e irrefutável da desigualdade que prospera na organização de nossa sociedade. Partindo da realidade até então encontrada no campo pesquisado, de que forma Educação Musical se situa como área do conhecimento frente a esses aspectos sociais emergentes?

Podemos primeiramente citar a comunidade em que eles vivem de onde herdam a cultura musical que trazem para suas experiências na sala de aula. São diversas histórias, preferências musicais assim como diversas expectativas trazidas. Pelo entendimento de ser necessário tratar da comunidade, tenho encontrado sentido nas palavras de Zygmunt Bauman (2003), como um dos meus suportes teóricos para esse texto. Ele afirma que uma parte integrante da comunidade é a “obrigação fraterna” de partilhar as vantagens entre seus membros, independente do talento ou importância deles. Embora nas áreas de periferia seja comum a desagregação social, muitas comunidades podem ser encontradas mesmo nesse contexto caótico. A sociedade como um todo é caótica e dentro desta realidade encontram-se comunidades, micro sociedades.

As singularidades encontradas nesse contexto referentes à privação e dificuldades permitem visualizar um pouco dos valores comumente encontrados ali. Para viverem em

lugares onde serviços básicos são tão ausentes, alguns vínculos como amizade, confiança e esperança são fortalecidos todos os dias. Alguns pais necessitam deixar seus filhos com o vizinho, pelo acesso ruim e distante a mercados e farmácias. Muitas vezes é o vizinho que socorre quando há casos de emergência. Como mensurar o nível de respeito e dependência que essas pessoas têm entre si? Como não associar a obrigação fraterna citada por Bauman como elo dessa comunidade? Sobre isso o autor fala:

Essa comunidade dos sonhos é uma extrapolação das lutas pela identidade que povoam suas vidas. É uma “comunidade” de semelhantes na mente e no comportamento; uma comunidade do mesmo — que, quando projetada na tela da conduta amplamente replicada/copiada, parece dotar a identidade individualmente escolhida de fundamentos sólidos que as pessoas que escolhem de outra maneira não acreditariam que possuísem. (BAUMAN, 2003, p. 61).

Diante desses aspectos podemos comparar rapidamente o relacionamento existente nos suntuosos prédios dos grandes centros urbanos, cercados por todos os aparatos de segurança e conforto, onde muitas vezes os seus moradores sequer sabem o nome do seu vizinho ao lado. Esse vínculo social forte, alimentado pela vida em comum, raramente é encontrado em contextos de alto padrão de vida.

O Educador musical e os projetos sociais

Outro aspecto relacionado a esse contexto das periferias e as comunidades existentes ali, é o papel imprescindível do Educador Musical. O Educador Musical que ensina em projetos sociais nas periferias necessita de uma compreensão do seu papel que é ímpar e delicado, buscando uma visão aclarada das questões emocionais demais importantes a esse contexto. Em uma escola regular o professor pode dar tranquilamente uma advertência de três dias ao aluno, mas no projeto social uma advertência pode resultar em um afastamento definitivo. O Educador Musical precisa ter clareza de que aquele projeto pode ser o último recurso para o resgate daquele jovem. Onde a família e a escola podem falhar o projeto social ainda pode proporcionar não só um mundo significativo, mas também um pouco de afetividade, esperança. Para Kater (2004), o maior privilégio do educador é participar de maneira decisiva e por meio da formação musical do desenvolvimento do ser humano, da construção e possibilidade dessa transformação, buscando, hoje, tecer o futuro do aluno, cidadão de amanhã.

A compreensão de que em suas mãos cabe uma formação que remete aos pressupostos além-sala, o educador tem elementos que agregam formação e que ultrapassam a frieza da letra. Por isso é incondicionalmente necessário a quem se propõe a desenvolver educação nesse contexto uma postura para além do ensino de conteúdos das disciplinas, mas, sobretudo da formação humana. Isso pode ser visto nas palavras de Santos (2004):

Atuar em projetos sociais requer do educador musical uma concepção filosófica, postura política, coragem para agir motivado pela possibilidade de transformação da pessoa e da sociedade; requer mais do que uma relação teórica com a música, mas uma formação musical em termos teóricos e criativos e também o conhecimento de áreas afins (Santos, 2004, p. 60).

A formação acadêmica talvez seja primordial e necessária para os educadores, no entanto uma visão mais alargada de mundo, de diferentes contextos sociais não pode ser produzida em uma sala de aula simplesmente. Um pensamento fechado ao conjunto, à totalidade, não pode perceber aquilo que é imprescindível para unir elementos diferentes.

Edgar Morin em sua obra *Ciência e Consciência* trata do assunto dizendo:

...pede para pensarmos nos conceitos sem nunca dá-los por concluídos, para quebrarmos as esferas fechadas, para estabelecermos as articulações entre o que foi separado, para tentarmos compreender a multidimensionalidade, para pensarmos na singularidade com a localidade, com a temporalidade, para nunca esquecermos as totalidades integradoras (MORIN, 1998, p. 192).

O que se esperar do Educador Musical diante dessa realidade exposta? Apenas o ensino de música? O Educador Musical não encerra seu sacerdócio em transmissão do conteúdo musical. É necessário que ele se engaje em atitudes que estão muito além daquelas encontradas na sala de aula. O Educador Musical não deve ser leniente com a educação estática e deve entender que diante das complexas relações existentes na sociedade contemporânea, precisa desenvolver a sua prática docente de forma mais abrangente possível. Morin (2005), explica que o fechamento disciplinar, associado à inserção da pesquisa científica nos limites tecnoburocráticos da sociedade, produz a irresponsabilidade em relação a tudo o que é exterior ao domínio especializado.

Os desejos de construir belas apresentações públicas para prestar conta aos pais e patrocinadores, talvez, sejam sobrepostos pela dura realidade da necessidade urgente de levar o aluno a ter o desejo de retornar à sua turma no dia seguinte, e proporcionar a ele um

momento único, em que ele nota que alguém se importa com ele. Às vezes os resultados obtidos com um ensino reflexivo sejam tão somente a retomada da esperança em um futuro diferente e o surgimento de um laço de amizade verdadeiro. A aprendizagem musical deve ser capaz de produzir muito além do que se espera no aprender conteúdos, ela deve produzir cidadania, ou seja, pode reconstituir o tecido social fragilizado daqueles jovens envolvidos na experiência musical.

Sirvent apud Gohn (2011), afirma que um dos grandes problemas sociais contemporâneos é o fenômeno da naturalização da injustiça, exploração e a pobreza das mentes na população, inibindo o pensamento crítico. A presença do Educador Musical nesse contexto que é orquestrado pela injustiça, ao querer proporcionar mudanças tão rápidas, exige também uma nova forma de pensar e a libertação do fracionamento radical do conhecimento.

A Educação e o seu papel na transformação

Dentro de um contexto social que nos remete a tantas diferenças, a educação pode ser entendida como um dos mecanismos mais importantes na tentativa de correção para essas desigualdades. No entanto essa educação precisa ser encarada como protagonista do desenvolvimento social, assumindo o papel primordial que ela precisa ter. No Brasil, alguns pensadores como Paulo Freire chamaram atenção de todos os envolvidos no processo da educação com responsabilidade social, para o desenvolvimento da autonomia e a liberdade, para o desenvolvimento do pensamento crítico, a conscientização do indivíduo como sujeito histórico, além de introduzir uma nova relação professor x aluno, ou mesmo uma relação entre diferentes sujeitos, baseada no diálogo (FREIRE 1987, 1997). Diante disso, Paulo Freire percebe a educação como processo inconcluso e em constante mutação, e com papel fundamental no processo de superação da pobreza e do descaso, a ser protagonizada pela própria sociedade.

A libertação da opressão da violência e da desigualdade é oportunizada pelo próprio ser humano, por ser ele mesmo o algoz de sua própria espécie. Essa libertação pode ser concebida pela verdade, a verdade advinda do conhecimento. Paulo Freire, mais uma vez, esclarece sobre essa necessidade de transformação, dizendo:

A realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso. Se os homens são os produtores desta realidade e se esta, na “invasão da práxis” se volta sobre

eles e os condiciona, transformar a realidade opressora é tarefa histórica, é tarefa dos homens. (FREIRE, 1987, p.21).

Entender a pedagogia da transformação é ir além da descrição da dura e cruel realidade a que essas pessoas são expostas. É encontrar o louvor nos mecanismos que elas desenvolvem ao lutar. Freire (1987), diz que a educação libertadora se dá não sobre a descrição dos excluídos e violentados, mas sobre como eles lutam... Freire ainda completa, demonstrando que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção, e automaticamente a sua autonomia (FREIRE, 1997, p. 25).

O contexto social encontrado nas periferias legitima um ambiente de educação singular, alimentado por relatos e vivências únicas, produzindo um ambiente educacional que gera novas metodologias educacionais e divulga exemplos de superação e crescimento. Esses exemplos constroem um fio condutor de saberes, que estimulam uns aos outros e agregam mudanças para aqueles que se dispõem a uma vida de crescimento e libertação coletiva.

O Estado que hoje ostenta a bandeira da inclusão, acaba por excluir através de suas normas, as quais julga serem de inclusão. Esse entendimento deriva da compreensão de que se os jovens existentes hoje nesses bairros periféricos não se adequam à inclusão proposta pelos poderes públicos, são automaticamente considerados “excluídos”, Boaventura Sousa Santos (1999), diz que “ a inclusão tem sempre por limite aquilo que exclui”. Como a distribuição de serviços básicos prestados pelo governo é totalmente díspar, alguns excluídos são produzidos pelo próprio sistema de “inclusão” do governo. O autor esclarece que:

Os valores da modernidade – a liberdade, a igualdade, a autonomia, a subjetividade, a justiça, a solidariedade – e as antinomias entre eles permanecem, mas estão sujeitos a uma crescente sobrecarga simbólica, ou seja, significam coisas cada vez mais díspares para pessoas ou grupos sociais diferentes, e de tal modo que o excesso de sentido se transforma em paralisia da eficácia e, portanto, em neutralização. (SANTOS, 1999, p. 41).

Entender os autores que estudam os aspectos educacionais, culturais nessas periferias, aspectos sociais, educacionais e culturais, pode permitir a criação de uma radiografia da realidade que serve de intervenção no âmbito educacional contemporânea de nossa sociedade.

A Educação Musical tem o papel de dispor aspectos imprescindíveis na formação do caráter, o que a difere de outras áreas do conhecimento, não pelo seu grau de importância,

mas porque permite trazer elementos importantes para a construção de uma sociedade melhor e mais humana.

Pensar em uma Educação Musical nessa perspectiva exige uma desconstrução dos parâmetros antigos. É necessária a construção de aspectos não só musicais, mas humanos e sociais, pelo entendimento de que a Educação Musical pensada assim com plena vitalidade, é imprescindível não só para cada indivíduo, mas para todas as culturas.

A existência da música está ligada ao nosso dia a dia de diversas formas, pois a temos no nosso trabalho, nos ritos, nos transportes, nas festividades, permeando todo o nosso viver. “Educar é ajudar a integrar todas as dimensões da vida, a encontrar nosso caminho intelectual, emocional, profissional, que nos realize e que contribua para modificar a sociedade que temos.” (MORAN, 2012, p. 12).

Souza (2004), afirma que já nos acostumamos com a ideia de quanto a música é importante na vida das pessoas, mas, talvez, ainda seja preciso dizer alguma coisa sobre o que faria a música ser um fato social. Entender a ferramenta preciosa e eficaz que temos dispostas a nós Educadores Musicais, é um processo de auto descoberta, e mais do que isso, um processo de descoberta do outro também.

Segundo Schafer (1991), a música existe porque nos eleva de um estado vegetativo para uma vida vibrante, temos que ser capazes de fazermos todo o nosso contexto em voltar a vibrar com essa música que emana de nós. A Educação Musical tem papel fundamental na mudança desse panorama educacional presente hoje nas periferias. Para Kater (2002), a música é uma das ferramentas mágicas para promover o desenvolvimento interno e a qualificação humana, talvez até a mais abstrata e de maior sentido coletivo.

Considerações finais

Ao dialogarmos com esses teóricos pesquisados, trazemos involuntariamente a lembrança a nossa condição humana, refletindo sobre a nossa ética enquanto educadores musicais partir das demandas da sociedade atual. Ao pautarmos com esses autores em perspectivas atualizados, buscamos fortalecer a Educação Musical como área de conhecimento, ampliando o nosso entendimento e identificando os nossos desafios como demonstra Souza:

Hoje assistimos a uma proliferação de debates sobre cultura e diversidade. Seja nos espaços da mídia, das políticas públicas ou das discussões de outras áreas. Refinar esses conceitos, participar das discussões contemporâneas e entender o sentido que diversidade e cultura adquirem no campo da música pode ajudar-nos a identificar nossos desafios (SOUZA, 2007, p.19).

Ao pesquisarmos sobre projetos sociais e sobre o educador musical inserido nesse campo empírico, buscamos fortalecer a produção do conhecimento e a formação humana, quer do docente pesquisador, quer dos alunos como seus atores sociais. A inserção da pesquisa em Educação Musical nesses conjuntos sobremodo emergentes permite desvelar os aspectos sociais e musicais que envolvem esses contextos, pela escuta de suas falas, de suas necessidades, que vão além do pão e do alimento de cada dia.

Diante dessas descobertas crescemos como educadores e pesquisadores, repensando a nossa visão de mundo e da Educação musical na sua função de desenvolvimento de ações que ajudem a modificar a sociedade que estamos colocados.

Porém, aos termos descortinado esse mundo, pudemos ouvir suas vozes, conhecemos seus contextos peculiares, e participamos de um crescimento inegável, onde remetemos, às vezes, à nossa própria história de vida, abrindo nossas janelas e escutando os sons que nos indicam um novo mundo, mais humano e mais musical.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. Comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (2003).

_____. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Zahar Editor (Tradução: Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama), 1997.

COTELO, Fernando Cardoso. RODRIGUES, Juciano Martins. Favela e periferia como espaços de pobreza: estudo sobre a configuração urbana de metrópoles Brasileiras. 2013. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/3100/9/TRABALHO%20COMPLETO.pdf>. Acesso em: 05 de julho de 2014.

DAVIS, Mike. Planeta Favela. São Paulo: Boitempo editorial, 2006.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. Pedagogia do oprimido. 17^a edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro: 1987

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. Teorias dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos. 2^a edição, Edições Loyola, São Paulo 1997.

GUIMARÃES, Eloisa. Escolas, Galeras e Narcotráfico. Rio de Janeiro: PUC-Rio. Tese (Doutorado em Educação). 1995.

KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. Revista da ABEM. Porto Alegre, nº 10, p. 43 – 51, 2004.

KLEBER, Magali O. “A prática de educação musical em ONGs: dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro”. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Música, Departamento de Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

MORAN, José Manuel. MASETTO, Marcos T. BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 19 ed. Campinas-SP. Papirus. 2012.

MORIN, Edgar. O Método 6: Ética. Trad. Juremir M. da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. Ciência com consciência. Trad.: Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 2a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

SANTOS, Boaventura S. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, R. M. S. “Melhoria de vida” ou “fazendo a vida vibrar”: o projeto social para dentro e fora da escola e o lugar da educação musical. Revista da Abem, Porto Alegre, nº10, p.59-64, março 2004.

SCHAFER, R. Murray. O Ouvido Pensante. FONTERRADA, Marisa T. O.; SILVA, Magda R. Gomes da; PASCOAL, Maria Lúcia (trad.). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

SOUZA, Jusamara. A educação Musical e práticas sociais. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 10, 7-11, Mar. 2004.

_____. Cultura e diversidade na América latina: u lugar da educação musical. Revista da ABEM, N.18, Número especial, outubro/2007, Porto Alegre, p.15- 20.

_____. Música na Escola: propostas para implementação da Lei 11.769/08 na rede de ensino de Gramado, RS. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2011.

_____. (org). Música, cotidiano e educação. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música/UFRGS, 2000.